



Dom Orlando Chaves, SDB

ARCEBISPO DE CUIABÁ — MATO GROSSO

* 17.02.1900

† 15.08.1981

Na aurora do dia da Assunção da Virgem Maria ao céu, entrava na eternidade, carregado de anos e de merecimentos, Dom Orlando Chaves, Arcebispo de Cuiabá. No silêncio de um quarto da Santa Casa de Misericórdia, terminada apenas a recitação do terço e dada a última absolvção pelo Padre Pedro Cometti, que fora seu dedicado vigário geral, finou-se uma vida das mais ricas em ideais alevantados e das mais fecundas em obras apostólicas, quer na Congregação Salesiana, quer na Igreja do Brasil.

O apóstolo nos recomenda: “Lembrai-vos de vossos guias que vos pregaram a palavra de Deus. Considerai atentamente sua vida e imitai-lhes a fé” (*Hb* 13,7). Nada mais justo, pois, que relembremos a vida deste nosso irmão, toda expendida na Congregação, como diretor e inspetor, e na Igreja, como bispo e arcebispo, e que, ao evocar-lhe a longa jornada de apóstolo, lhe imitemos os exemplos.

Em Campina Verde, Minas Gerais, nasceu Dom Orlando a 17 de fevereiro de 1900, filho do Cel. João Evangelista Chaves e de Matilde

Rodrigues Chaves. Uma família numerosa, distinta, profundamente cristã. De todos os filhos, Orlando era o dotado de melhor voz e com pendores inequívocos para a vida sacerdotal. Fizera, no amplo quintal da casa, sua igrejinha e lá celebrava as funções, pregava, realizava procissões devotamente acolitado pelos irmãos e irmãs... Com apenas 4 anos perdeu a mãe, mas o ambiente familiar e a elevada estatura moral do pai nele influíram beneficamente e marcaram para sempre a personalidade forte, reta e volitiva do menino cujos olhos claros e brilhantes refletiam, como águas límpidas de um lago, uma inocência e candura impressionantes.

Concluído o curso primário, o Colégio Santa Rosa de Niterói vai ser o seu segundo lar. Assim escreve ele em sua primeira Carta Pastoral: “Em 11 de fevereiro de 1913, com 13 anos de idade, ingressamos como aluno, como filho, no saudoso Colégio Santa Rosa, de Niterói. Como filho, dissemos, porque o sistema educativo de Dom Bosco, quintessência da caridade cristã, faz do colégio salesiano uma família na qual se integram os felizes filhos. Ainda nos lembramos quando saímos aos passeios gerais, levando à frente um letreiro: ‘Salesianos’. E o povo ao ver aproximar-se nossa turba infantil, exclamava em sussurro, e nós ouvíamos: ‘Aí vêm os Salesianos’. Éramos nós os filhos da grande família”. “O mineirinho do Triângulo, transbordante de vida e de fé, mostrou-se dono de um belo caráter e de uma voz cristalina, que o punham entre os melhores alunos e os melhores cantores do Santa Rosa. Orlando viveu as emoções da Barca Sétima, mas foi poupadão do naufrágio, para mais tarde salvar de outros tipos de naufrágios muito menino e muita gente grande, na esteira do Mestre que iria fazê-lo pescador de homens e pastor entre os pastores do seu rebanho” (Dom João Resende Costa).

Sua vocação ao sacerdócio e à vida salesiana era patente, e em 1918, em Lavrinhas, faz o noviciado, vem a profissão religiosa em 28.01.1919, e o Curso de Filosofia. Em Lavrinhas, no dizer de Dom Resende, “é seminarista diligente, noviço fervoroso, depois clérigo assistente e professor muito querido. Em Lorena, quando lá entrei como aluno em 1924, perduravam ainda muito vivos os ecos de sua passagem como assistente dos médios. Algo assim como o perfume do incenso que fica pairando na atmosfera de uma igreja horas depois de se ter celebrado uma cerimônia litúrgica”.

Concluído o tirocinio prático, os superiores o enviaram a Turim, onde, no famoso Instituto Teológico Internacional da Crocetta, amadureceria para o sacerdócio. Entre as tantas graças com que Deus aquinhooou Dom Orlando, uma delas foi ter tido, durante sua formação salesiana e sacerdotal, homens de grande virtude e saber, varões de marcante personalidade, cujos ensinamentos e exemplos seriam lembrados e vividos por ele ao longo de sua existência. Em Niterói teve como superiores e amigos Dom Helvécio Gomes de Oliveira, que seria Arcebispo de Mariana; Padre Antonio Dalla Via, salesiano insigne por virtudes e méritos. Dom Helvécio sempre ficou muito ligado ao antigo aluno, o qual, em sua primeira Carta Pastoral, assim se refere: “Dom Helvécio, nosso confessor quando aluno do Colégio Santa Rosa, a cujo

coração paternal confiamos o segredo de nossa vocação, que encontrou nele o conselheiro prudente e protetor zeloso”.

Seu mestre de noviciado e diretor em Lavrinhas foi o Padre Lustosa, o santo e sábio Arcebispo de Fortaleza, cuja memória foi evocada pelo Papa João Paulo II em seu discurso aos bispos do Brasil: “Como não evocar aqui, em Fortaleza, a figura de Dom Antonio de Almeida Lustosa, que repousa nesta Catedral e que deixou nesta Diocese a imagem luminosa de um sábio e de um santo?” A Dom Lustosa se refere em sua primeira Carta Pastoral: “nossa mestre de noviciado, de cujos lábios bebemos, como de pura fonte, o espírito salesiano”. Na Crocetta pontificavam então grandes mestres e edificantes salesianos, dentre os quais emergem os padres Vismara e Gennaro. No governo da Congregação, o Servo de Deus Dom Felipe Rinaldi e o sucessor, a figura poliédrica do Padre Pedro Ricaldone. O Padre Rota, inspetor do Brasil, cuja memória é abençoada ainda hoje por quantos o conheceram e tiveram como superior, em quem não se sabe o que mais admirar: se o grande coração paterno e a inteligência brilhante, ou os dotes de governo e o talento do artista.

Em Turim continuou a ser excelente, e de lá escreveram ao Brasil: “Se todos os brasileiros fossem como Chaves, então, sim, que o Brasil faria bonito de verdade”. A 10 de julho de 1927, na Basílica de Maria Auxiliadora é ordenado presbítero pelo então Arcebispo de Turim, Cardeal José Gamba. Referindo-se ao seu apostolado sacerdotal, escreve ele na já citada Carta Pastoral: “Desde esta data nos entregamos, de corpo e alma, ao apostolado salesiano da conquista das almas, fazendo das glórias da Congregação nossas glórias”.

Volta ao Brasil, e Campina Verde, sua terra natal, vibra ao receber o novo sacerdote. Dois arcebispos salesianos, Dom Helvécio Gomes de Oliveira, que fora seu confessor e amigo em Niterói, e Dom Lustosa, seu mestre de noviciado e diretor em Lavrinhas, o acompanharam na sua primeira Missa cantada. A revista “Santa Cruz” do Liceu Coração de Jesus descreve pormenorizadamente as festas daquele longínquo 25 de dezembro de 1927 e é transcrito também o discurso do senador Camilo Chaves, irmão do novel sacerdote. Pelas palavras do irmão se afigura o grau de profunda religiosidade da família Chaves: “Para esta sublime evangelização a nossa família há contribuído com diversos colaboradores em todos os tempos, e, entre eles, menciono com veneração os nomes dos Padres Protásio Rodrigues Chaves, vigário de Lagoa Dourada, e José Gomes de Lima, vigário do Prata, todos nossos tios-avós. Um ministério profícuo de mais de vinte anos vem atualmente ilustrando, entre o clero brasileiro, o nome benemerito do Padre Pio de Freitas Silveira, nosso primo-irmão” (este último morreu como primeiro Bispo de Joinville).

Dom Orlando inicia seu apostolado em Bagé, como conselheiro escolar, e em seguida é transferido para o estudantado teológico no Chora Menino, em São Paulo, como professor de Dogma, mestre de canto e encarregado do Oratório Festivo. Ele põe a alma toda no que deve fazer, e o Oratório Festivo, com todas as suas múltiplas

manifestações de vida religiosa, de catequese, de canto, de alegria incontida, de ideal sacerdotal, vive seus áureos tempos.

Em 1936 volta ao Colégio Santa Rosa, desta vez como diretor, substituindo outro grande salesiano, o Padre Emilio Miotti. Eram os tempos do reitorado do Padre Ricaldone. A inteligência organizativa e brilhante do Reitor-Mor, suas monumentais Cartas, a disciplina religiosa bem codificada, procuravam solidificar a Congregação, cuja expansão era impressionante. O Padre Orlando Chaves foi o diretor salesiano que, esquecido de si, procurou viver e fazer viver, em plena fidelidade, sem tergiversações, sem concessões, o espírito religioso e salesiano. Nem todos com ele concordavam, porque a estrada da fidelidade é, por vezes, íngreme e cansativa, mas o exemplo constante e o desprendimento e a dedicação aos meninos acabaram vencendo. O Colégio Santa Rosa de Niterói também conheceu, durante seu diretorado, seus áureos tempos.

INSPECTOR

Ano de 1939. Ao Padre André Dell’Oca sucede o Padre Orlando no governo da vasta e complexa inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora, do Sul do Brasil, compreendendo casas nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com 360 salesianos. Como era seu feitio, abraçou a nova missão com o maior dos entusiasmos, esquecido de si próprio, procurando viver e fazer viver, em toda a sua pureza, a observância religiosa, o espírito salesiano, o apostolado multiforme de Dom Bosco. O Padre Domingos Cerrato, ex-inspetor de São Paulo, não dado a exageros e metáforas, o definiu: “inspetor mago”. Organizador tenaz, corajoso e dinâmico, os obstáculos não o venciam, nem logravam desanimá-lo. Antes, os desafios o incitavam à luta e à vitória. Fixada a meta, nada e ninguém conseguia demovê-lo. Certa vez, em Cuiabá, em meio a uma tormenta de oposição, dizia tranqüilamente ao seu vigário geral: “Quando surgem as dificuldades e vão aumentando, aí eu me animo mais”.

A história certamente dirá que o Padre Orlando Chaves escreveu páginas luminosas no gloriozo livro da Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora. Dom João Resende Costa, Arcebispo de Belo Horizonte e seu sucessor na Inspetoria, referindo-se ao novo bispo Dom Orlando, assim o definiu: “gigante que entre nós passou semeando luz”. O mesmo Arcebispo, ao evocar estes tempos gloriosos na oração gratulatória por ocasião do Jubileu de Prata Episcopal, na Catedral de Cuiabá, dizia: “Foi esse o tempo de uma verdadeira constelação de casas de formação, o tempo das vocações colhidas a mancheias — houve um ano em que atingiram o número de 1.200! —, o tempo da catequese estimulada por vibrantes certames intercolegiais, o tempo da disciplina primorosa, inspirada em propósitos da mais integral fidelidade. Terá sido providencial essa época de aprofundamento de raízes para enfrentar a riqueza pluriforme dos desafios da época atual”.

Deixo que fale o venerando Padre Luís Garcia de Oliveira, companheiro, colaborador, confidente e amigo do Padre Orlando Chaves: "Como inspetor, num período marcado pela segunda guerra mundial, o que o caracterizou sobremodo foi, em primeiro lugar, a sua adesão dócil, incondicionada, com espírito de fé total, a toda orientação e a todas as diretivas dos superiores e da Igreja, e, depois, o seu apostolado vocacional. Foi, de fato, o apóstolo das vocações. Foram muitos os recrutados. Ao terminar o seu inspetorado, estava fazendo a campanha das mil vocações. E queria muitos, não pelo número, mas para escolher: 'omnes probate, quod bonum est, tenete'. Para acolher os vocacionados construiu ou ampliou São João-del-Rei, Ascurra, Jaciguá, Pará de Minas, Pindamonhangaba, Barbacena, São Paulo (Pio XI). Não houve campo em que não tenha dado demonstração do seu grande zelo: boa imprensa, principalmente com as Leituras Católicas; Ação Católica (tempos de ouro com Pio XI e Pio XII); catequese, promovendo grandes certames locais e inspetoriais todos os anos, certames não só com prova de memória, mas com provas de inteligência; uniões dos cooperadores salesianos e ex-alunos, coroinhas e Oratório Festivo, Companhias religiosas, teatrinho salesiano; música instrumental e vocal. Cuidava da manutenção das Casas de Formação dando-lhes a quota mensal. Além disso era magnânimo, enriquecendo-as com salas de catecismo, instrumentos musicais, pianos, harmônios, paramentais, vasos litúrgicos. Até gaitas para lazer dos aspirantes. O esplendor das funções litúrgicas em todas as casas, mas particularmente nas casas de formação, era deveras marcante. Grandes concentrações de oratorianos e coroinhas. Em todo o seu inspetorado viveu tão somente na inspetoria, da inspetoria e para a inspetoria. Lidou com muito dinheiro na administração, mas pessoalmente muito pobre no vestuário e nos livros. Nutriu a mente e o coração dos salesianos com cerca de 30 cartas circulares, cheias de doutrina religiosa, salesiana e eclesial, com orientações válidas ainda hoje. Naturalmente não lhe faltaram contrastes, cruzes que soube aturar com fortaleza e coragem, animado pela fé e pela palavra de conforto dos superiores. Pôde ter sido enganado, pôde, até, ter-se enganado; mas nunca enganou a ninguém!"

Falem os números: em 1940, ao assumir a inspetoria, os noviços eram 20. Em 1948 eram 80. Os aspirantes, em 1939 eram 200, chegando a 864 em 1948. Organizou os Cooperadores Salesianos, os quais, de 5.000 em 1940, chegaram a 30.000 ao término do seu mandato. Tanto pelo Padre Ricaldone quanto pelo Cardeal Arcebispo de São Paulo foi ele definido: "Campeão mundial das vocações".

Basta ler a sua Pastoral de saudação para avaliar a paixão abrasadora e santa que lhe empolgou a existência, que o confortou em meio a incompreensões e o consolou na colheita dourada das espigas: "Para o apostolado das vocações estávamos dispostos aos maiores sacrifícios. Enquanto ouvíamos as referências penalizadas sobre nossos cabelos brancos que aumentavam a olhos vistos, e a velhice precoce que nos trazia o trabalho intenso, nada sentíamos de peso em nosso ânimo, sempre disposto ao trabalho em benefício dos caros filhos. Tal amor votávamos a este apostolado que almejávamos, como São Francisco

de Borja, ao baixarmos à sepultura, nos abrissem o peito para verem gravado em nosso coração: ‘Vocações! Casas de formação!’ ”.

BISPO DE CORUMBÁ

Foi para ele um sacrifício ingente ter que deixar seus trabalhos na inspetoria salesiana, onde já lourejavam as messes, e aceitar o serviço episcopal na imensa Diocese de Corumbá, completamente desprovida de clero diocesano, após uma vacância de três anos! Diocese de 350.000 quilômetros quadrados com 300.000 habitantes. “Como nos custa a separação! Os numerosíssimos aspirantes, os noviços, os 400 jovens salesianos que entraram para a Congregação fazendo em nossas mãos a profissão religiosa, os Salesianos todos da Inspetoria eram para nós filhos e irmãos diletíssimos. Como nos custa a separação!”

Entrou na Diocese a 25 de junho de 1948: sem clero e sem seminário, pediu hospitalidade no Colégio Salesiano e iniciou seu apostolado. Com o entusiasmo e o otimismo de um jovem, sem chorar o que deixara atrás, sem lamentar a precária situação na qual ora se encontra. A fé de Abraão foi a sua fé, a qual, no dizer elegante e carinhoso do saudoso Padre José Stringari, não apenas “transportou montanhas, mas levantou montanhas”. Apóstolo intrépido, heróico, que espera contra toda esperança, traça seu programa que lemos em sua Pastoral: “É a preparação necessária para um intenso apostolado das vocações, cuja primeira etapa será naturalmente a construção de um amplo seminário, para receber todos os felizes jovenzinhos que Nosso Senhor escolher no meio das nossas famílias cristãs para o seu Santuário. E os sacerdotes formados neste seminário diocesano, emulando as beneméritas famílias religiosas que primeiras trabalharam a nossa terra, hão de conduzir o povo da nossa querida Diocese para o futuro que o espera na vida da nossa grande pátria”.

A 26 de agosto chega a Campo Grande, cidade mais importante da Diocese, e no “Eco Diocesano” de novembro encontramos a alvissreira notícia: “Já está em construção, em uma chácara, a 3 quilômetros de Campo Grande, o Seminário de nossa Diocese. Abrir-se-á em fevereiro próximo, sob a direção dos Salesianos de Dom Bosco”. Em poucos meses escolhera o lugar mais conveniente, arranjara os meios, adquirira uma grande chácara e iniciara a construção! Mas não é só a campanha vocacional que o empolga: organiza a catequese, a Ação Católica, visita a Diocese em longas, penosas e edificantes Visitas Pastorais. O “Eco Diocesano” leva a toda a vasta Diocese a palavra do Pastor, as crônicas das várias comunidades, as iniciativas diocesanas. Afinal, não há recanto da Diocese que não seja visitado por Dom Orlando, e todos sentem que perpassa em toda parte um reforçar de vida cristã e de entusiasmo.

Dom Lustosa, o santo e sábio Arcebispo de Fortaleza, seu antecessor na Diocese de Corumbá, ao saber da escolha de Dom Orlando para Bispo de Corumbá, escrevera: “Dom Orlando leva para a querida Diocese zelo de apóstolo e carinho de pai. A bela cidade que se debruça

sobre as águas do Paraguai breve terá de erguer as mãos para o céu, como eu, para agradecer o presente régio que recebe". E foi mesmo assim. Dom Orlando pastoreou com dedicação e sacrifícios uma Diocese que, hoje, está subdividida em 1 Arquidiocese, 4 Dioceses e 1 Prelazia. Era simplesmente incansável, na mais verdadeira acepção da palavra. Mal chega de longa visita pastoral e ei-lo sentado, respondendo às cartas acumuladas sobre a mesa, traçando a crônica, redigindo o "Eco Diocesano", escrevendo a benfeiteiros, organizando Semanas Eucarísticas, Vocacionais, Catequéticas. Nunca tomou para si algum dia de descanso, nunca se permitiu uma estação de águas. Entregou-se, de corpo e alma, à sua Diocese, esquecido de si. Conversas outras que não fossem a Igreja, a Diocese, as vocações, o Seminário, o deixavam silencioso e alheio.

Lendo os números do "Eco Diocesano" salta aos olhos a múltipla atividade pastoral, desde a organização da Ação Católica, a Obra das Vocações, até à Cruzada Catequética Diocesana com o 1.º Congresso Catequístico. Os relatórios das Visitas Pastorais nos patenteiam a sua personalidade gigantesca de apóstolo. Ao terminar a Visita Pastoral no interior da Paróquia de Três Lagoas, hoje Diocese, é-nos apresentado um quadro sintético do que foi feito: "Viajou 1.200 quilômetros em 28 dias; visitou 15 localidades. Houve 310 batizados; 2011 confissões; 1551 comunhões; 1681 crismas; 67 casamentos legitimados. As diversas coletas e ofertas para o Seminário deram a soma de Cr\$ 5.009,50".

O Seminário, nove meses decorridos da sua entrada na Diocese, já recebe os primeiros trinta alunos. Trabalhos, canseiras, preocupações muitas e consolações poucas, tudo ele enfrenta com otimismo e com fé, semeador incansável que ara e semeia num solo calcinado pelas soalheiras e pelo abandono. Quando aprouver ao Senhor dos corações elas germinarão. A ele não pertence colher: deve simplesmente semear e regar com o próprio suor.

Nove anos bastaram para que conhecesse todos os recantos mais afastados da extensa Diocese que hoje forma o Estado do Mato Grosso do Sul. Solicitou à Santa Sé um Bispo auxiliar, que lhe foi dado, em 1955, na pessoa do então inspetor salesiano do Norte do Brasil, Dom Ladislau Paz. Ao mesmo tempo iniciou os estudos e tratativas para a divisão da Diocese, a qual seria desmembrada em três: Corumbá, Campo Grande e Dourados.

ARCEBISPO DE CUIABÁ

O venerando Dom Francisco de Aquino Corrêa estimava sobremaneira o Bispo de Corumbá e por ele nutria grande afeto. Teria sido seu sonho entregar a Dom Orlando, na qualidade de Arcebispo Coadjutor com direito à sucessão, o governo da Arquidiocese. Mas o santo arcebispo foi chamado à casa do Pai a 22 de março de 1956, e a Santa Sé nomeou Dom Orlando Arcebispo Metropolitano de Cuiabá a 26 de novembro do mesmo ano.

A carta pastoral de despedida aos diocesanos de Corumbá relata fielmente o que foi seu fecundo episcopado na Diocese que deixava. Obediente e cheio de fé abraça a nova Igreja particular, ciente dos problemas e dificuldades que iria encontrar.

De 1922 a 1956, Dom Francisco de Aquino Corrêa a governara como arcebispo. Arquidiocese extensa, pobre de meios materiais e de clero, abrangia um terço de Mato Grosso. Mas ao chegar Dom Orlando já havia mais duas Prelazias: de Diamantino e da Chapada, que lhe haviam reduzido de muito a extensão geográfica. A personalidade do Arcebispo falecido, cuiabano de nascimento, estimado como poeta e orador de renome nacional, querido e venerado por todos pela amabilidade que a grandes e pequenos cativava, a penúria de clero e de recursos tornavam a sucessão sobremodo problemática. A velha Catedral recebeu o novo Arcebispo com o presbitério todo escorado, ameaçando ruir. No dia seguinte à posse houve uma recepção na Academia Matogrossense de Letras em homenagem ao novo Arcebispo. Com exceção do homenageado e dos poucos convidados vindos de fora para a posse, não chegara a 25 o número de participantes... Dom Orlando nada comentou e não se deixou impressionar. Homem de fé intrépida, apoiado em Deus, iniciou sua missão, sonhando com uma Igreja florindo em vocações, com um seminário novo, uma grande e imponente Catedral, com sacerdotes numerosos e santos pastoreando o povo de Deus.

E começou. Ainda vigoroso quis conhecer a Arquidiocese toda, os lugares mais afastados e pobres, bem no interior do sertão esquecido. E voltou convencido de que, sem clero nativo, pouco ou nada conseguia fazer. O Seminário funcionava no velho e histórico casarão construído pelo 1.º Bispo de Cuiabá, Dom José Antonio dos Reis. Ótimo prédio para museu, mas não para abrigar jovens seminaristas. Com arrojo dos que têm fé e vivem em plenitude um grande ideal, encontrou um aprazível terreno às margens do rio Cuiabá e não sossegou até que, por compra uma parte e outra por doação, obteve 140 hectares para o novo seminário em Várzea Grande.

Em 1958 o então Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, lançava a 1.ª pedra do novo seminário Cristo Rei, solenidade com a qual Dom Orlando quis comemorar o centenário do velho Seminário da Conceição iniciado por Dom José em 1857 e inaugurado por Dom Carlos 25 anos depois, em 1882! Pelo espaço decorrido entre o início e o término da construção pode-se imaginar as dificuldades quase intransponíveis que os bispos de Cuiabá tiveram que enfrentar. Os homens e suas obras devem ser julgados no contexto histórico e geográfico em que viveram. Heróis do mais alto quilate foram os prelados e sacerdotes que em tempos idos conservaram acesa a luz da fé nos ínvios sertões de Mato Grosso; entre eles, os salesianos Dom Aquino Corrêa e o nosso Dom Orlando Chaves.

O famoso arquiteto Benedito Calixto elabora a planta de um grande seminário, de 3 andares, com a capacidade para 200 alunos. Tudo amplo, arejado, grandioso. E ele meteu mãos à obra: pediu,

implorou dentro e fora do Brasil, organizou festas e promoções e, aos poucos, em meio a mil dificuldades, foi surgindo o prédio em lugar afastado da cidade, por muitos julgado impróprio. Mas a visão ampla e arrojada do Arcebispo é por todos hoje exaltada: o grande terreno do Seminário está hoje no populoso bairro de Cristo Rei em posição invejável. A paróquia de Cristo Rei e a grande avenida que leva o seu nome lhe perpetuam a lembrança. A grande felicidade de Dom Orlando era estar no meio dos seus seminaristas. Enquanto as forças lho permitiram, todos os domingos, à noitinha, ia cantar as Vésperas e pregar. Ali recobrava novo alento para continuar a pedir e trabalhar pelas vocações. Nada exigia para si: Bispo de Corumbá, usava os velhos sapatos do antecessor Dom Vicente Priante. Em Cuiabá fez o mesmo com os sapatos de Dom Aquino. Mas para o Seminário era grandioso e munífico: desde o trator de esteira aos instrumentos da banda, tudo era da melhor qualidade. E quando os seminários foram fechados em muitas dioceses, quando os meios escasseavam, quando idéias chamadas "novas" lançaram o descrédito sobre os seminários menores e sua eficácia, Dom Orlando continuou, esperando contra toda esperança, como sempre fizera. E hoje, graças à sua santa teimosia, a Arquidiocese aguarda confiante os seus sacerdotes diocesanos nos seminaristas maiores que se formam no Seminário regional.

Outro marco notável deixado na Arquidiocese foi a Rádio Difusora Bom Jesus de Cuiabá, iniciada em 1958. A evangelização das populações do sertão e a promoção humana através das Escolas Radiofônicas do Movimento de Educação de Base-MEB o animaram a enfrentar dificuldades pecuniárias, carência de material humano, contratempos de toda espécie. Idas e vindas à capital da república, longas antecâmaras e ministérios, tudo suportou sem reclamações nem queixas. Aliás, foi uma edificante e constante atitude de Dom Orlando esta: guardar para si as preocupações, mesmo as maiores. E não lhe faltaram nem foram pequenas, ao longo de um episcopado de 33 anos!

Uma das preocupações do Arcebispo, desde o início de seu serviço pastoral, foi resolver o grave problema da Catedral. A cidade crescia, o tráfego, aumentando mais e mais na outrora pacata cidade colonial, abalava inexoravelmente os alicerces da velha Sé, de barro socado, que cedo ou tarde ruiria por terra. Entretanto, os altares de talha dourada, o natural apego ao monumento mais venerável da cidade, opunham-se teimosamente à demolição. Dom Orlando, após haver sido certificado de que fatalmente ruiria a velha Catedral, mandou derrubá-la e lançou a Campanha da Nova Catedral. Mas ao derrubar a fachada da Catedral, o povo, que tudo seguia entre amargurado e revoltado, percebeu que fora necessário dinamitar as torres, tão sólidas elas eram! Daí, uma crítica e uma oposição velada e, às vezes, clara e agressiva ao Arcebispo, o qual, silencioso e firme, trabalhava e construía.

Os denigradores e opositores não sabiam ou não queriam saber que a fachada do histórico templo datava apenas de 1928, refeita por Dom Aquino, sob a orientação de um velho mestre de obras famoso pela solidez de suas construções. A praça da Catedral estava repleta de curiosos e críticos que assistiam à "dinamitzação" da Catedral

que o Arcebispo dizia estar prestes a ruir... Aumentavam os curiosos e intensificavam-se as invectivas contra Dom Orlando, enquanto vagarosamente a dinamite sacudia as torres de cimento e de pedra canga que, afinal, tombavam fragorosamente. Eis que, logo após a dinamite rebentar, ribombando pela praça apinhada, estilhaços de pedras e de cimento se espalham pela praça, atingindo um assistente, o qual, gravemente ferido, por especial mercê de Deus não veio a falecer... A 23 de maio de 1973, a imponente Catedral era sagrada, e no dia 24, festa de Maria Auxiliadora, Estrela do seu episcopado, circundado por seus irmãos bispos salesianos e sufragâneos, pelo clero, pelo povo em festas, o intrépido batalhador de Cristo celebrava seu Jubileu Episcopal de Prata. Irradiava felicidade!

No seu afã de enriquecer a Igreja de vocações religiosas fundou uma Congregação feminina, à qual deu o nome de Instituto das Missionárias do Bom Jesus. Sonhava para elas o apostolado paroquial nas paróquias mais afastadas e pobres, a catequese das crianças, a promoção humana e cristã dos mais necessitados. Lançou a semente e com desvelos de pai dedicou-se à formação das religiosas, para as quais, inveterado sonhador, previa um apostolado fecundo sob o olhar e a proteção do Senhor Bom Jesus, patrono da Arquidiocese. A Congregação exerce seu apostolado em cinco casas, fiel ao espírito que animou o fundador. Permitiu Deus que as filhas espirituais lhe acompanhassem e confortassem os longos meses de sua última doença. E num gesto de carinhosa gratidão, ele manifestou que, ao ser levado à cripta para o derradeiro descanso, fosse permitido às Irmãs Missionárias carregarem o caixão. E assim foi feito: entre lágrimas, preces e flores de suas filhas, por elas foi levado à cripta da sua Catedral, para, ao lado de seus antecessores, aguardar a ressurreição final.

Em 1975 a Santa Sé lhe colocou ao lado um Arcebispo coadjutor, o qual, em vista das precárias condições de saúde de Dom Orlando, seria, meses após, nomeado Administrador Apostólico. Dom Orlando, que sempre segurara firmemente as rédeas do governo, tudo entregou ao Arcebispo Administrador Apostólico e... se entregou. Creio não tenha sido o natural abatimento de quem, acostumado a mandar e a fazer, deva retirar-se e confiar a outras mãos as rédeas do governo e as responsabilidades. Ele era um homem profundamente cansado, esgotado, o qual despendera as energias todas sem nunca reservar para si um dia de repouso. Soara a hora do repouso, que Deus, em sua insondável bondade, transformou em anos de depressão, de internamento em hospitais, de operações. Nos últimos anos, recolhido ao quarto e assistido com filial carinho pelas religiosas por ele fundadas, foi um exemplo de desapego, de pobreza e de aceitação da enfermidade. O Dom Orlando, que todos haviam conhecido, transformara-se agora num velhinho todo branco, sorridente, apoiado à bengala; mas os olhos conservavam o brilho de outrora, olhos que ainda refletiam inocência como o azul de um lago. E eram estes seus olhos que atraíam tantas crianças que a ele corriam pedindo a bênção como a um vovôzinho querido, ou melhor, a um patriarca venerando.

Entregava ao sucessor uma Diocese com seminário, catedral, patrimônio amealhado com incontáveis sacrifícios. Uma Rádio Difusora para o apostolado, uma Congregação feminina para a catequese nas paróquias. Sonhos e projetos ainda fervilhavam em sua mente, mas era preciso parar; era preciso preparar-se para a derradeira viagem à casa do Pai.

No dia 31 de janeiro de 1981, ao entrarem no quarto para acordá-lo, foi encontrado no chão, com o lado esquerdo paralisado. Lúcido e tranqüilo foi levado à Santa Casa, e de lá só saiu rumo à eternidade. Era o dia 15 de agosto de 1981. Foram sete meses de sofrimentos e de esperanças. Não lhe faltaram competência de médicos, dedicação de religiosas, carinhosa assistência do clero, dos fiéis. Paralisado, foi exemplo de paciência e de resignação. No último domingo de sua vida, carinhosamente provocado, imaginando estar na sua Catedral Basílica do Bom Jesus, tentou cantar o Prefácio da Missa... mas apesar da grande vontade, dos lábios do velho pontífice mal saíram uns sons roucos, umas palavras latinas ininteligíveis... e os olhos azuis abertos entreviam o grande mosaico do presbitério, a Catedral envolta em ondas de incenso e de sons do órgão, os seus seminaristas, o povo, o seu povo fiel...

O seu leito de dor era o altar, e ele, vítima, não mais no esplendor litúrgico de um pontifical, mas na resignação e na aceitação da dor longa, humilhante, purificadora. Dom Orlando tentando cantar pela última vez o Prefácio da Missa ficou para sempre gravado em nossas lembranças envoltas em saudades como o "Homo Dei", aquele que viveu, sem arrefecimentos, sem dúvidas, sem compensações outras, em plenitude e em doação total, o seu sacerdócio. O seu lema episcopal foi a súplica que a Igreja faz na oração de São João Bosco: "buscar almas". E ele o viveu longa e integralmente.

Que do céu ele alcance para o seu sucessor, para seus padres, religiosos e seminaristas, para seus irmãos salesianos, para suas filhas Missionárias do Bom Jesus, e para todo o Povo de Deus da querida Arquidiocese de Cuiabá, o ardor que o consumiu na procura da glória de Deus e salvação das almas.

Cuiabá, 24 de maio de 1982.

† BONIFÁCIO PICCININI, SDB
Arcebispo de Cuiabá — MT

Dados para o necrológio:

- * DOM ORLANDO CHAVES, SDB, † Cuiabá (Brasil), 1981, com 81 anos de idade, 62 de profissão, 54 de vida religiosa. Foi inspetor durante 9 anos, 8 anos Bispo de Corumbá e 25 anos Arcebispo de Cuiabá.

